



Notas sobre uma disciplina que discute gênero e sexualidade no Ensino Superior

Notes on a course that discusses gender and sexuality in Higher Education

Evélin Pellegrinotti Rodrigues

Programa de Pós-Graduação em educação em Ciências
Universidade Federal do Rio Grande - Furg
evelin.vivo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2391-3342>

Paula Regina Costa Ribeiro

Programa de Pós-Graduação em educação em Ciências
Universidade Federal do Rio Grande - Furg
pribeiro.furg@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7798-996X>

Juliana Lapa Rizza

Programa de Pós-Graduação em educação em Ciências
Universidade Federal do Rio Grande - Furg
rizzalapajuliana@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0985-0282>

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as enunciações de estudantes universitários/as que cursaram a disciplina “Gêneros e sexualidades nos espaços educativos”, ofertada por uma universidade pública do sul do Brasil, buscando problematizar se eles/as perceberam mudanças em seus entendimentos em relação às temáticas de corpos, gêneros e sexualidades. Para tanto, aplicamos um questionário on-line, composto de perguntas abertas e fechadas, aos/as estudantes. Nas análises, o espaço da disciplina foi apontado como: uma possibilidade de repensar seus entendimentos sobre as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades; um espaço que promove o reconhecimento das diferenças, auxiliando na compreensão de preconceitos e discriminações e uma disciplina relevante para a formação profissional dos/as acadêmicos/as. Todavia, alguns/algumas estudantes afirmaram que não perceberam mudanças de entendimentos a respeito dessas temáticas após cursarem a disciplina, mas apontaram um aprofundamento sobre os temas trabalhados nas aulas. Assim, por meio desse estudo, ficou evidente que os/as estudantes reconhecem o espaço da disciplina como uma possibilidade para repensarem seus entendimentos acerca dos assuntos corpos, gêneros e sexualidades.

Palavras-chave: Corpos; Gêneros; Sexualidades; Disciplina; Ensino Superior.



Abstract

This article has the objective of analyzing the enunciations of academic students that have taken the “Gêneros e sexualidades nos espaços educativos” course (Genders and sexualities on educational spaces), offered by a public university in southern Brazil, which aimed to problematize if students have noticed changes in their understandings related to the topics of body, genders, and sexualities. Therefore, we applied an online questionnaire composed of open and closed questions to students. In the analyzes, the course’s space was pointed as: a possibility to rethink students’ understandings about the topics of body, genders, and sexualities; a space that promotes acknowledgements of the differences, aiding in the comprehension of biases and discriminations, and a relevant course for professional qualification of students. However, some of them reported not noticing any changes in understandings regarding those topics after attending the course, but pointed some deepening on the themes studied in class. Thus, through this study, it was evident that students acknowledged the course’s space as a possibility to rethink their understandings about the topics of body, genders, and sexualities.

Keywords: Bodies; Genders; Sexualities; Course; Higher Education.

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo analizar las enunciaciones de estudiantes universitarios/as que cursaron la asignatura “Géneros y sexualidades en los espacios educativos”, ofertadas por una universidad pública del sur do Brasil, buscando problematizar si ellos/as perciben cambios en sus entendimientos en relación a las temáticas de cuerpos, géneros y sexualidades. Para eso, aplicamos un cuestionario on-line, compuesto de preguntas abiertas y cerradas, a los/las estudiantes. En los análisis, el espacio de la asignatura fue apuntado como: una posibilidad de repensar sus entendimientos sobre las temáticas de cuerpos, géneros y sexualidades; un espacio que promueve el reconocimiento de las diferencias, auxiliando en la comprensión de prejuicios y discriminaciones y una asignatura relevante para la formación profesional de los/las académicos/as. Sin embargo, algunos/algunas estudiantes afirmaron que no percibieron los cambios de entendimientos a respecto de esas temáticas después de cursaren la asignatura, pero señalaron una profundización sobre los temas trabajados en las clases. Así, por medio de ese estudio, se quedó evidente que los/las estudiantes reconocen el espacio de la asignatura como una posibilidad para repensaren sus entendimientos sobre los asuntos cuerpos, géneros y sexualidades.

Palabras clave: Cuerpos; Géneros; Sexualidades; Asignatura; Educación Superior.

Introdução

Neste artigo temos como objetivo analisar as enunciações de estudantes que cursaram a disciplina “Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos”, ofertada por uma universidade pública do sul do Brasil. Nosso intento é problematizar se eles/as perceberam mudanças em seus entendimentos em relação às temáticas discutidas – corpos, gêneros e sexualidades – após cursarem a disciplina na universidade.

A disciplina tem como proposta a discussão e análise das questões dos corpos, gêneros e sexualidades na contemporaneidade, enfocando o ensino e aprendizagem dessas questões nos diversos espaços educativos, bem como a análise do processo de produção dessas temáticas nas distintas instâncias sociais e pedagogias culturais.

A disciplina é disponibilizada para todos os cursos de graduação da universidade: 15 cursos de licenciatura, 32 de bacharelado e 2 de tecnólogos, totalizando, 49 cursos de graduação. Dentre os cursos que têm a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos como optativa, estão seis cursos de bacharelado: Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Direito, Medicina e Psicologia; e cinco cursos de licenciatura: Pedagogia, Educação Física, Letras Português, Letras Português Francês, Letras Português Inglês. No curso de Ciências Licenciatura EaD, por sua vez, ela é obrigatória. Para os outros 37 cursos da universidade, a oferta dela se dá de forma complementar.

Entendemos que as mais diversas áreas precisam compreender/problematicar seus conceitos, pensando acerca da forma como vamos sendo produzidos/as social, histórica e culturalmente a partir das marcas de gênero e de sexualidades inscritas em nossos corpos. Essas questões permeiam/atravessam, e/ou deveriam permear/atravesar, todas as formações profissionais.

Se revisitarmos os movimentos empreendidos por Michel Foucault (2015), a respeito da forma como os discursos sobre a sexualidade foram sendo produzidos, ao longo dos tempos, é possível perceber que diferentes campos do saber, como a educação, a psicologia, a medicina entre outros, foram produzindo e, até mesmo, instituindo alguns discursos sobre a sexualidade como legítimos. Ainda, essas áreas elegeram locutores/as e interlocutores/as autorizados/as ou não a falar sobre a sexualidade.

Sabemos que essas questões geram implicações, até mesmo nos dias atuais, quando se pensa no que é ou não importante para integrar os currículos dos cursos de graduação no âmbito do Ensino Superior, no que tange às diferentes formações profissionais dos/as acadêmicos/as. Os discursos que foram sendo produzidos interpelaram as áreas do conhecimento de diferentes formas, fazendo, assim, com que, em alguns cursos, as pautas de gênero e sexualidade estivessem presentes, como em algumas licenciaturas e bacharelados, e em outros não, como nos cursos de tecnólogo.

Entendemos esse espaço da disciplina como potente para a produção, problematização e tensionamento dos discursos em torno dessas temáticas. Considerando esses apontamentos, nesse texto, nossa proposta centra-se em pesquisar esse outro espaço-tempo no currículo do Ensino Superior, a disciplina “Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos” a partir das enunciações de acadêmicos/as.

Contextualização teórica

Nas últimas décadas, é possível constatar que os debates acerca das questões de gênero e sexualidade têm adentrado, de forma mais significativa, a arena de debates no âmbito da educação. Isso se dá seja pela presença das múltiplas formas dos sujeitos produzirem e viverem os

seus gêneros (travesti; transexual; gênero fluido; gênero não binário; entre outras posições de sujeito) e as suas sexualidades (bissexual; assexual; homossexual, pansexual, entre outras), pelas políticas públicas de inclusão, pelo mercado de trabalho que tem apontado para a necessidade dos sujeitos estarem preparados para a diversidade, entre outros fatores.

Essas pautas, por sua vez, adentraram não somente a Educação Básica, visto que, em outras etapas de ensino, também é possível notar alguns movimentos. No Ensino Superior, por exemplo, algumas políticas públicas passaram a considerar o debate das questões de gênero e sexualidade como importantes de serem promovidos em espaços destinados à formação profissional dos sujeitos, como as universidades. (Sirvent; Coutiño; Pérez, 2015).

Dentre as políticas, citamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação Inicial (Brasil, 2015) em Nível Superior e as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (Brasil, 2012), em que as questões de gêneros e sexualidades estão expressas. Além disso, ainda nas universidades, é possível observar a emergência de disciplinas que vêm sendo ofertadas e que têm, como foco de discussão, as temáticas de gêneros e sexualidades. Cabe destacar que essas disciplinas, de alguma forma, vêm tensionando os currículos dos cursos de graduação e a formação profissional dos sujeitos, já que elas enfatizam a importância de temas contemporâneos, como assédio sexual, equidade de gênero, LGBTQIfobia, heteronormatividade, construção binária dos gêneros, entre outros. (Álvarez, 2011).

Esse movimento de oferta de disciplinas, no Ensino Superior, com a finalidade de discutir as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, é apresentado na tese de doutorado de Juliana Rizza (2015). A pesquisadora realizou um mapeamento em todas as universidades federais brasileiras, buscando investigar a oferta de disciplinas com essas discussões em cursos de licenciatura, bacharelado e tecnólogo.

“[...] essas disciplinas expressam uma relação de poder/prazer/saber/ instaurada pelo dispositivo da sexualidade, que busca capturar os sujeitos em suas tramas, mas a partir também de outros dispositivos que não somente aqueles pautados na materialidade biológica e no cuidado com a saúde e o risco a doenças. Outros saberes então ingressam nessa teia discursiva sobre a sexualidade, já que a palavra de ordem na atualidade é a promoção e o reconhecimento da diversidade e da diferença.” (Rizza, 2015, p. 32).

Além da pesquisa que corrobora com o que apontamos, é também importante citarmos alguns dados do relatório final de um seminário sobre “Educação em Sexualidade e relações de Gênero na formação inicial docente no Ensino Superior” (Unesco, 2017), realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pela Fundação Carlos Chagas (FCC/SP) e pela Rede de Gênero e Sexualidade (REGES). Nesse relatório, é apontado que:

“(1) apesar dos marcos normativos possibilitarem a inserção da discussão de tais temáticas nas escolas, a realidade social não é favorável; (2) a inserção tem sido realizada de forma isolada, por iniciativas individuais e com disciplinas não obrigatórias; (3) os grupos e os núcleos de pesquisa têm sido grandes aliados nessa discussão no âmbito das universidades; e (4) aspectos religiosos têm influenciado sobremaneira a inclusão de tais temáticas nas escolas, assim como



o desenho de políticas públicas. Com base nesses aspectos, alertava-se para a necessidade de uma discussão sobre a reestruturação desses currículos de modo que os temas apresentados nesse seminário passassem a ser obrigatórios na formação de profissionais da educação no Brasil.” (Unesco, 2017, p. 4)

Na busca dos objetivos citados pelo documento, um destaque importante é feito para alcançarmos a promoção da igualdade e equidade de gênero e também para o enfrentamento de preconceitos e discriminações. O destaque está na busca por brechas na atuação dos/as profissionais das mais diversas áreas, “[...] que não dependam somente das ações cotidianas de cada um de nós, mas que sejam institucionalizadas pelos setores da educação e saúde [...]” (Unesco, 2017, p. 5).

Desse modo, as temáticas corpos, gêneros e sexualidades vêm disputando espaço nos currículos do Ensino Superior e possibilitando a emergência de um debate que tem o intuito de colaborar na construção de uma sociedade que respeita as diversidades de gêneros, de raças/etnias, de sexualidades, entre outros aspectos que nos constituem enquanto sujeitos.

Sabemos que a universidade é um espaço das multiplicidades, de todos/as e para todos/as, um lugar de produção de conhecimentos e de vivências, de múltiplas posições de sujeitos. Em função disso, entendemos como importante que a diversidade e a diferença sejam pautas presentes nas problematizações tecidas no âmbito dos cursos de graduação, uma vez que é por intermédio delas que vamos conhecendo/reconhecendo aos outros e a nós mesmos, marcando, assim, as diferenças.

A importância desse conhecimento diz respeito também à possibilidade de se “[...] questionar as práticas nas quais estamos inscritos/as, é possível pensar, também, que as normas podem ser multiplicadas para que elas nos caibam em nossas diferenças” (Paraíso; Caldeira, 2018, p. 18). A partir disso, quem sabe, possamos lutar por uma sociedade mais plural, a qual respeite essas diferenças, sejam elas relacionadas aos nossos corpos, ou à maneira que nos reconhecemos enquanto sujeitos com gêneros e sexualidades diversos.

Essas múltiplas posições de sujeito vêm permeando os estudos e as pesquisas no que tange à formação profissional nos diferentes campos de conhecimento, ou seja, não é algo que permeia uma ou outra atuação profissional, mas, que nos dias atuais, tornou-se imprescindível para as mais diferentes áreas de atuação no mercado de trabalho.

Dessa maneira, os debates dessas questões vêm atravessando as diferentes formações profissionais dos sujeitos, impactando o mercado de trabalho, abrindo brechas para a possibilidade de serem constituídos profissionais que tenham um olhar atento, bem como que estejam preparados/as para lidar com as múltiplas produções identitárias. Enfim, profissionais que reconheçam as diversidades e diferenças, e que as respeitem.

Embora essas mudanças possam ser percebidas no mercado de trabalho, elas não são garantia para que os sujeitos que não se enquadrem nos modelos heteronormativos possam exercer suas profissões. Afirmamos isso em função de que existem outros elementos nessa rede discursiva – discurso religioso; discurso médico; discurso científico; discurso moral, entre outros – que estão implicados diretamente na exclusão de muitos sujeitos que rompem com as normas culturalmente construídas.



Sobre essa problemática que apontamos anteriormente, devemos considerar a construção social e a normalização dos corpos, pensadas e vinculadas a padrões heteronormativos. Para corroborar com esse estudo, trouxemos as contribuições de Julia Varela (1994), as quais indicam que houve uma pedagogização do conhecimento, a qual se deu por meio de uma seleção e de uma organização dos saberes, com o intuito de uma formação voltada à construção de “bons cristãos”.

Nessa busca por uma moral cristã, muitas questões sociais foram sendo colocadas à margem da sociedade, como é o caso dos assuntos relacionados aos corpos, aos gêneros e às sexualidades. Contudo, é importante lembrar que discussões no âmbito biológico sobre essas temáticas “sempre foram feitas”. As tentativas de silenciamento dessas questões, feitas por alguns grupos da sociedade, ao longo dos tempos, tinham, e ainda têm, o propósito de que elas não fossem problematizadas e que o padrão heteronormativo, difundido e normalizado, em nossa sociedade, não fosse questionado.

Dessa forma, para tentar conter as problematizações em torno dessas questões no âmbito da educação, as temáticas corpos, gêneros e sexualidades têm sido alvo de discursos que as produzem, socialmente, como “saberes sem utilidade” ou, até mesmo, “sem importância” de serem abordadas na escola, nas universidades e em outros espaços sociais.

Na contramão desse movimento, temos a emergência de discussões sobre esses temas adentrando os mais diferentes espaços. Um desses lugares é a universidade, foco do nosso estudo.

Metodologia

Ancoradas nos pressupostos dos Estudos Culturais no viés pós-estruturalista, trilhamos alguns caminhos ao longo da pesquisa, buscando desnaturalizar e problematizar algumas verdades que nos constituem enquanto sujeitos. Tais verdades vão nos ensinando maneiras/modos de viver em sociedade e, especialmente, no que diz respeito às temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, que são centrais nesse estudo.

Na trajetória da pesquisa é que emergiu o caminho para produção dos dados, e nossa escolha foi pela utilização de um questionário. Em nosso entendimento, essa ferramenta configura-se como uma estratégia para responder às questões levantadas nesse estudo.

Importante destacarmos, ainda, que o questionário foi organizado com 20 perguntas abertas e fechadas, sendo aplicado aos/as estudantes que cursaram ou que estavam cursando a disciplina de “Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos” e que aceitaram participar do estudo. O recorte temporal da pesquisa foi o seguinte: ela foi realizada do segundo semestre de 2012 ao primeiro semestre de oferta da disciplina em 2018, sendo 2012 o ano em que a disciplina começou a ser ofertada e 2018 o ano do início da pesquisa.

As perguntas fechadas do questionário tinham, como objetivo, conhecer os/as participantes. Assim, foram aplicados questionamentos relacionados a gênero, sexualidade, religião, entre outros. Já as perguntas abertas, destacavam as percepções deles/as sobre a disciplina Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos.



Na construção do questionário¹ utilizamos a plataforma do *google forms*². Isso nos possibilitou o envio dessa ferramenta de análise para todos/as os/as estudantes que cursaram ou estavam cursando a disciplina durante o período já mencionado. É importante salientar que o acesso aos/as estudantes ocorreu através de documentos, como cadernos de chamada e relatórios de notas vinculados ao sistema da universidade. Esse movimento possibilitou a identificação dos/as estudantes que concluíram a disciplina, um total de 537 concluintes, que corresponde ao número de questionários enviados. Desse total, recebemos o retorno de 110 questionários respondidos.

O questionário, como estratégia para a produção dos dados da pesquisa, permitiu, além da emergência das enunciações construídas sobre a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, que pudéssemos conhecer o perfil dos/as estudantes que passaram por alguma oferta da referida disciplina. Os sujeitos participantes do estudo eram de diferentes cursos de graduação, gêneros, sexualidades, idades e religiões. Assim, em um primeiro momento, apresentaremos o perfil desses/as estudantes, os quais participaram da pesquisa, conforme as respostas deles/as às perguntas fechadas do questionário.

Em relação à idade dos/as estudantes, os dados apontam que: 55% possuía entre 20 – 30 anos; 23% tinha de 31 – 40 anos; 15% possuía de 52 – 60 anos; 6% apresentava de 42 – 50 e 1% tinha 61 anos. No que diz respeito ao gênero, 61% dos/as estudantes se reconheceram como mulheres cisgênero; 20% se classificaram como homens cisgênero; 7% mulheres afirmaram ser transgênero; 3% se reconheceram como homens transgênero; 3% como não binários; 2% afirmaram pertencerem ao gênero fluido; 1% se classificou como “bixa preta travesti não binária”; 1% mulher e 1% homem hetero. Segundo podemos constatar, além das diferentes faixas etárias dos/as estudantes que responderam ao questionário, essa diversidade aparece também em relação às suas identidades de gênero, apesar de a maior porcentagem que respondeu ao questionário ainda ter se reconhecido como mulheres cisgênero.

Quanto à raça/etnia, 71% se declararam pessoas brancas; 14%, pardas; 13%, pretas; 1%, amarela e 1% quilombola. Já no que se refere à identidade sexual/orientação sexual, 66% dos/as estudantes que responderam ao questionário se reconheceram como heterossexual; 14%, bissexual; 11%, gay; 3%, lésbica; 2%, assexual; 2%, pansexual; 1% preferiu não declarar e 1% não soube dizer com exatidão.

Perguntamos também qual a religião dos/das estudantes. Com relação a isso, 36% responderam não pertencer a nenhuma religião; 21% se declararam católicos/as; 13%, espírita; 12%, de alguma religião afro-brasileira (umbanda ou candomblé); 7% preferiu não declarar; 3% afirmaram ter fé, sem religião; 2% afirmaram ser budista; 1%, agnóstica; 1%, evangélica; 1%, mórmon; 1%, luterano; 1%, amor a mim e ao universo e, por fim, 1% se declarou espiritualista.

¹ Antes de enviarmos o questionário para todos/as estudantes, optamos por fazer um pré-teste em que, primeiramente, o enviamos pela plataforma *moodle* e por e-mail aos estudantes que cursaram a disciplina de “Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos” no ano de 2018. Após o retorno das respostas, verificamos que não seriam necessárias modificações.

² Serviço gratuito presente na plataforma *google*, o qual possibilita a produção de formulários e questionários para pesquisa.



Dos/as estudantes que responderam ao questionário, 59 cursaram e/ou estavam cursando as seguintes licenciaturas: Pedagogia, Geografia, Educação Física, Química, Letras Português/Inglês, Letras Português/Espanhol, Ciências Biológicas, Letras Português, Artes Visuais, Física, Matemática. Além desses, 41 estudantes cursaram e/ou estavam cursando bacharelado nos seguintes cursos: Psicologia, Arquivologia, História, Artes Visuais, Administração, Oceanologia, Direito, Medicina, Arqueologia, Biblioteconomia e Sistemas de Informação. Ainda, havia 10 estudantes que não identificaram os cursos que cursaram e/ou que estavam cursando.

Para as análises das enunciações dos/as estudantes, realizadas nesse artigo, foi considerada a seguinte questão aberta do questionário: Depois que você fez a disciplina, percebeu mudanças em seus entendimentos em relação às temáticas discutidas? Por quê?

Entendemos a enunciação a partir de Foucault (2004), ou seja, como um conjunto de regras que suportam, tornam possível e definem o enunciado: a potência da oferta de uma disciplina que discute as questões de corpos, gêneros e sexualidades, no âmbito do Ensino Superior, no que tange à formação profissional. Assim, para nós, a enunciação é “um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir” (Foucault, 2004, p. 114).

As respostas presentes nos questionários são as enunciações que expressam o que os/as estudantes apontam sobre a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos. Cabe destacar que nesse movimento de análises não temos a intenção de desvelar, de decifrar algo não dito, mas sim de olhar a materialidade do que foi expresso nas enunciações.

Por esse viés, olhamos para as enunciações buscando problematizar se os/as estudantes que cursaram a disciplina perceberam mudanças em seus entendimentos em relação às temáticas de corpos, gêneros e sexualidades.

Resultados

A disciplina “Gêneros e sexualidades nos espaços educativos” foi pensada com a “proposta de suscitar novos acontecimentos” (Ribeiro, Rizza, Ávila, 2014, p. 132), mobilizar, movimentar os/as estudantes do Ensino Superior a “pensar em outras experiências para além do que é instituído nos currículos oficiais dos cursos de graduação” (Ribeiro, Rizza, Ávila, 2014, p. 132). A partir dela, a pretensão era de compartilhar conceitos e teorias em torno das temáticas corpos, gêneros e sexualidades e, através das discussões propostas, possibilitar a desconstrução e a desnaturalização de tabus, de preconceitos, de representações construídas social e culturalmente.

Essas questões nos levaram a debruçarmos nosso olhar nas enunciações dos/as estudantes. Já as primeiras enunciações que analisamos indicaram, segundo os/as estudantes, para mudanças de entendimentos. No pensamento deles/as, a disciplina, além de desconstruir e reconstruir compreensões sobre as temáticas corpos, gêneros e sexualidades, possibilitou o reconhecimento das diferentes formas de os sujeitos se constituírem, auxiliando no entendimento dos preconceitos que aqueles/as que fogem às normas socialmente estabelecidas sofrem e também na elaboração de argumentos para levar essas discussões para outros espaços.



Estudante Pedagogia 3³: Com certeza! A maneira de ver as coisas como são e como saber se comportar diante dessa diversidade de gêneros e sexualidades.

Estudante Química 15: Sim, muito. Eu consigo dialogar com as pessoas sobre como fazê-la entender as diferenças entre gêneros e sexualidades

Estudante Letras Português/Inglês 33: Sim. Embora seja um homem gay, percebi diante da disciplina que pouco conhecia sobre outras identidades de gênero e sexualidades, sobre feminismo(s) e sobre as possibilidades que um professor tem para abordar esses temas em sala de aula.

Estudante Artes Visuais Licenciatura 65: Sim. Ao tomar conhecimento dos estudos culturais e de gênero e de autores que pesquisam a partir desta perspectiva pude desconstruir entendimentos prévios e equivocados que tinha.

A partir dessas enunciações, é possível pensar que, quando compreendemos os assuntos corpos, gêneros e sexualidades como elementos “constitutivos de sujeitos e subjetividades, atravessados pela linguagem, pelo poder, pela cultura” (Castro; Reis, 2017, p. 110), passamos a problematizar essas construções culturais que nos constituem, bem como os saberes em torno dessas questões. Com isso, temos a possibilidade de “desconstruir entendimentos prévios e equivocados”, como bem colocou o estudante de Artes Visuais Licenciatura 65. As aprendizagens construídas a respeito desses assuntos, durante as aulas, ajudam ou ajudaram os/as estudantes a compreenderem, que essas questões são sociais e perpassadas por relações de poder.

“Por tanto un curriculum universitario género sensitivo e inclusivo será aquel que propicia la reflexión crítica de la sociedad y que por tanto, en forma integral con otras, considere las relaciones de género características del sistema patriarcal imperante, con la finalidad de generar procesos transformadores de dichas relaciones y con ello la construcción de una sociedad equitativa, justa y pacífica (Cubero, 2003, 74-75)

Tornar legítimas outras possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades é parte do processo de (re)construção dos entendimentos acerca dessas temáticas, segundo expressa o estudante de Letras Português/Inglês 33: “Embora seja um homem gay, percebi diante da disciplina que pouco conhecia sobre outras identidades de gênero e sexualidades”. O reconhecimento das diferentes maneiras de os sujeitos se constituírem, apontado pelo estudante, é uma das reflexões promovidas pela disciplina, assim como o respeito às diversas formas de ser e estar no mundo; as diferentes configurações de família, de relacionamentos; entre outros aspectos que se articulam às discussões de gêneros e sexualidades.

Para Marlucy Paraíso e Maria Caldeira (2018), a construção social em torno dos corpos, gêneros e sexualidades foi hierarquizando, promovendo divisões, e esse processo precisa ser questionado, estranhado. Só assim, por meio desse estranhamento, torna-se possível notar que aqueles/as que fogem às normas socialmente estabelecidas sofrem diferentes preconceitos e discriminações. Essas normas, ligadas à maneira como devemos agir e nos comportar em relação aos nossos gêneros e sexualidades, precisam ser tensionadas no âmbito dos currículos do Ensino

³ A numeração refere-se ao número do questionário que foi respondido pelo/a estudante.



Superior. Isso ajuda na superação das desigualdades sociais, visto que mais pessoas passam a entender que existem muitas maneiras de ser e estar no mundo.

Paula Ribeiro (2017) defende que o conhecimento em torno das temáticas corpos, gêneros e sexualidades colaboram no combate e no enfrentamento das diferentes violências, sejam elas sexistas, homofóbicas, étnico raciais, entre outras. Um elemento importante, para pensarmos sobre essas violências, normas de gêneros e sexualidades, é levantado pelo estudante de História Bacharelado 42: “Fiquei mais consciente da diversidade de gênero e de como ela é afetada no dia a dia numa sociedade binária, além de perceber/sentir o quanto isso infelicita a todos nós”. Esse processo que o/a estudante aponta de como algumas vivências são afetadas pelas normas binárias de gêneros e sexualidades foi mencionado no início dessa escrita, através da realidade que indica as dificuldades que a população LGBTQI+ sofre para ingressar ou se manter no mercado de trabalho. Além do mais, a maioria dessas pessoas não consegue ingressar na universidade, nem mesmo concluir o Ensino Médio.

É importante salientarmos que, social, histórica e culturalmente, é produzido um padrão de homem e mulher na nossa sociedade, e ele tem como modelo o homem heterossexual, branco e cristão. Desse modelo, entendido como “padrão”, são construídos os pares binários: macho-fêmea; homem-mulher, e assim é que vamos constituindo, na cultura, tudo que é aceitável para cada gênero e vivência da sexualidade.

Essa construção começa na família, que é o primeiro grupo social em que estamos inseridos/as; logo em seguida, vem a escola, a religião e todas as outras instituições pelas quais vamos passando e que vão nos interpelando durante nossas vidas. No entanto, para além desse padrão, existem e resistem as pessoas trans, não binárias, travestis, homossexuais, bissexuais, entre outras identidades.

Ao compreendermos sobre as diferentes questões que permeiam esses processos de preconceito e discriminação com essas outras identidades, temos a possibilidade de repensar acerca das normas sociais e de como os discursos a respeito dos gêneros e das sexualidades estão em disputa, sobretudo “[...] dos enfrentamentos que se pretende inspirar” (Meyer, 2018, p. 10). Por meio das problematizações propostas, torna-se possível repensar e construir possibilidades de multiplicarmos nossas resistências e avançarmos na busca por uma sociedade que respeite essa diversidade.

Dessa forma, é possível nos tornarmos multiplicadores/as de debates que potencializem esse respeito, com argumentos e embasamento em pesquisas que não somente falem dessas outras identidades, mas que tenham a participação cada vez mais significativa desses sujeitos.

É nesse sentido que passamos para o próximo bloco de enunciações, em que os/as estudantes reconhecem a disciplina como relevante para suas formações profissionais. Eles/as compreendem, ainda, que as problematizações realizadas, durante as aulas, sobre os assuntos corpos, gêneros e sexualidades não estão relacionadas somente às questões pessoais e às suas vivências cotidianas, mas também às suas futuras atuações profissionais.

Estudante Pedagogia 19: eu já tinha esclarecimento sobre a temática, mas acredito que contribuiu muito para minha formação e visão sobre o tema.



Estudante Direito 62: Sim. Embora já pesquise a respeito dos assuntos, as discussões também permearam assuntos relativos a área da educação. Sendo assim, possibilitando reflexões acerca dos diversos espaços educativos e como os mesmos influenciam na construção de saberes relativo aos temas da disciplina.

Estudante Geografia 63: Sim, pois nos ensina ser mais empático na nossa vida profissional, pessoal, acadêmica e cotidiana.

Essas enunciações nos ajudam a compreender como os/as estudantes estão percebendo a oferta da disciplina e suas temáticas. Eles/as falam em empatia e construção de saberes sobre os temas corpos, gêneros e sexualidades, articulados às suas formações.

Nessas enunciações, os/as licenciandos/as apontaram que a disciplina contribui ou os ajudou justamente pela importância das discussões sobre os temas corpos, gêneros e sexualidades durante as suas formações como futuros/as professores/as. Foi apontado ainda que ela será útil no momento em que eles/as estiverem atuando nas escolas e possam, com base no estudado na disciplina, pensar em estratégias para a promoção de debates sobre esses assuntos. A disciplina não garante uma mudança de entendimentos a respeito das temáticas, mas tensiona o lugar do/a futuro/a professor/a no processo de produção e reprodução de padrões sociais naturalizados e excludentes, além, é claro, de ajudar na construção de meios para o combate de preconceitos e discriminações nas escolas, visto que elas são espaços sociais sexualizados e generificados.

É importante considerarmos que o entendimento da sexualidade e do gênero, em algumas escolas, é baseado em visões deterministas e que sempre regularam os corpos dos/as estudantes em um modelo/padrão de ser homem, mulher e também no que diz respeito à vivência de suas sexualidades (Ribeiro, 2017). Esses modelos vêm excluindo, colocando, à margem da sociedade, os sujeitos que desviam essas normas e, conseqüentemente, são paradigmas que estão diretamente ligados às violências e à morte de pessoas LGBTQI+.

O estudante de Licenciatura em Matemática 77 contempla essas questões em sua enunciação, quando menciona que: “Antes da disciplina não tinha noção de muitos problemas sociais que não havia encontrado até fazer as leituras e discussões em sala de aula”. Muitas vezes, estamos distantes ou não reconhecemos algumas demandas da população porque são aspectos que não nos atravessam, ou seja, não compartilhamos dessas vivências diretamente. Contudo, quando passamos a questionar e a pensar sobre algumas questões sociais, como o estudante coloca, através da disciplina e de suas problematizações, de alguma maneira, é possível nos “colocarmos no lugar” de sujeitos que vivenciam dificuldades relacionadas a seu gênero e sexualidade, e isso é, de algum modo, significativo, tanto para a formação pessoal quanto para a formação como professor/a e outras formações.

Alinne Bonetti e Fabiane Silva (2016) corroboram com nossas discussões apontando que a emergência da produção de conhecimento, estudos, pesquisas, sobre essas normas sociais que acabam por marcar sujeitos pelas suas diferenças, construídas por discursos hegemônicos e seus mecanismos de exclusão, precisam ser desestabilizadas por meio de uma educação democrática.



As problematizações a respeito dessas questões, na formação de professores/as e nos demais cursos de graduação da universidade, são suscitadas, constantemente, nas discussões promovidas na disciplina. Desse modo, são tensionados modelos de ensino sobre essas questões que silenciam e controlam, há muito tempo, os sujeitos em relação à sua sexualidade, seu gênero e que acabam por somente trabalhar com um enfoque na reprodução humana e nas aulas de ciências (Souza; Ferrari, 2019).

Todavia, a disciplina trabalha essas temáticas pensando não somente no espaço da escola ou da universidade, mas nos mais diversos espaços sociais que nos educam, de acordo com o que aponta o estudante do curso de bacharel em Direito, o qual explicitou que a disciplina problematiza a questão “acerca dos diversos espaços educativos e como os mesmos influenciam na construção de saberes relativo aos temas da disciplina”.

Segundo Felipe Hatje, “embora as discussões que envolvam direito e gênero tenham ganhado maior espaço e visibilidade, a forma de atuação de algumas das instâncias de justiça acabam por reproduzir e reforçar os estereótipos de gênero” (2018, p. 55), o que exemplifica a importância das discussões no âmbito do Direito, como elas refletem nas ações futuras e a longo e curto prazo.

Em decorrência disso, devemos lembrar que não é só na escola ou na universidade que os sujeitos se produzem. Essa é, na realidade, uma construção social vivenciada diariamente, e os preconceitos e discriminações, em relação àqueles/as que não correspondem aos padrões heteronormativos, estão em todos os espaços.

Nesse sentido, a construção da disciplina e sua oferta, para todos os cursos da universidade, foi pensada justamente para contemplar e potencializar as discussões sobre corpos, gêneros e sexualidades nas diferentes formações. Desse modo, a disciplina é uma das possibilidades dos/as estudantes pensarem a respeito dos discursos que naturalizam e gerenciam esses preconceitos. Por isso, a importância da referida disciplina à formação profissional dos/as estudantes, conforme eles/as ressaltaram em suas enunciações.

A seguir, passamos ao último bloco de enunciações, em que sete estudantes, ao responderem à pergunta, apontaram que não perceberam mudanças em seus entendimentos a respeito das temáticas discutidas na disciplina. Esses se diferenciaram da maioria dos/as estudantes que responderam que sim, que tinham notado mudanças em seus entendimentos. Seguem as falas daqueles/as estudantes que declararam não terem constatado mudanças:

Estudante Artes Visuais 44: Não, para um gay, lésbica, bi a disciplina pareceu bem sucinta, sem muito no que agregar, na época me lembro de ter pensado isso e outro colega gay que também fazia a aula concordou. Percebemos que para pessoas hetero é uma boa aula introdutória.

Estudante Oceanologia 69: mudanças de fato não posso afirmar, pois já tinha um pé nesse universo. Porém, me abriu o leque de possibilidades, principalmente acadêmicas sobre esses temas.

Estudante Pedagogia 103: Não mudou muito, sempre defendi que todo mundo tem direito de escolher o que quer para a sua vida e que ninguém deve opinar na vida do outro, assim como não aceito que opinem na minha vida. Só aumentou o vocabulário sobre o tema.

Segundo podemos perceber, nas enunciações, os/as estudantes afirmaram que não perceberam mudanças após terem cursado a disciplina. Alguns deles indicaram que houve um aprofundamento



dos temas; outros/as, por sua vez, comentaram que já possuíam conhecimento sobre os assuntos trabalhados durante as aulas, e um/uma aluno/a achou a disciplina interessante para pessoas heterossexuais e não para pessoas LGBTQI+.

É importante compreendermos que, apesar de um envolvimento prévio com as temáticas propostas na disciplina, muitas vezes, estamos tão acostumados/as com os padrões que nos foram sendo impostos que não pensamos o quanto eles foram sendo naturalizados, incorporados às nossas vivências. Então, desmistificar, promover questionamentos, pensar estratégias para desnaturalizar esses padrões, também são maneiras de construir uma sociedade para todos/as, tensionando esses modelos que colocam, à margem social, aqueles/as que fogem às normas já definidas como aceitáveis.

Quando as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades são propostas em uma disciplina “o intuito é, antes, o de contribuir para a discussão, o questionamento, inquietar olhares acostumados com um reiterado estado de coisas e animar aqueles/as que apresentam suas retinas fatigadas” (Junqueira, 2011, p. 92). Espaços como o da disciplina possibilitam, justamente, que essas normas sejam desnaturalizadas e que outras maneiras de ser e estar no mundo possam ser apresentadas/representadas pelos sujeitos que por ela passam.

É por intermédio de perguntas como essas que esse espaço do Ensino Superior “pode se tornar um espaço contestado” (Silva, 2013, p. 195). Ainda, segundo Silva (2013), na luta por representação para os diversos sujeitos que se apresentam em nossa sociedade, na busca por outros significados, que não sejam fixos e que possam se transformar, apresentam-se maneiras de contestação desse espaço e é por meio desses tensionamentos das relações de poder, em torno dessas questões, que há possibilidade de desestabilização das identidades hegemônicas.

Podemos pensar nessa desestabilização justamente ao analisarmos as enunciações, nas quais alguns/algumas estudantes, pelas posições de sujeitos que ocupam e que possibilitam um conhecimento acerca das temáticas, compreendem que, para empreendermos alguns movimentos de minimização dos preconceitos, precisamos da participação, na disciplina, daqueles/as produzidos na norma, ou seja, os sujeitos heterossexuais. Cabe destacar que esses são a maioria dos/as estudantes que cursam ou cursaram a disciplina, um total de 66% segundo resposta deles/as ao questionário na pergunta que correspondia às suas identificações no que se refere à identidade sexual/orientação sexual.

Quando compartilhamos de espaços como o da disciplina, que mesmo sendo “sucinta”, como foi mencionado na enunciação, ainda é um espaço “interessante e bem produtivo”, conforme apontado em outra, ao cursar a disciplina, os/as estudantes têm, na universidade, a possibilidade de pensar maneiras para minimização de preconceitos. Ainda, têm a possibilidade de trabalhar essas questões nas mais diferentes formações profissionais e, de certa forma, as relações de poder em torno dessas questões são tensionadas.

As enunciações também indicaram que a disciplina aumentou o “vocabulário sobre os temas”, ajudou a “aprofundar o conhecimento”, “abriu o leque de possibilidades”. Isso acontece porque participamos dos regimes de verdades, que possibilitam diversas formas de se produzir conhecimento. “Os regimes de verdades são produzidos no interior de cada sociedade através



de uma política universal da verdade autocondicionada as disciplinas e as sanções normalizadoras” (Souza, 2015, p. 12).

É por meio do tensionamento e da problematização dessas normas que colocamos as “verdades” em xeque e passamos a entender que a construção social, em torno dos nossos corpos, gêneros e sexualidades, é extremamente excludente e capaz de provocar a morte de muitos/as que escapam dessas normas.

Conclusões

Quando instituída, na universidade, uma disciplina como a de “Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos”, que tem, como finalidade, problematizar questões tão caras e que tratam de vidas, de outras possibilidades de viver os gêneros, as sexualidades e outras maneiras de lidar com as diferenças corporais, provoca-se um tensionamento das relações de poder-saber. Com isso, são criadas, segundo Dagmar Meyer:

“Resistências que, nesse cenário adverso, mobilizem (ou possam mobilizar) indignação, coragem, esperança e ousadia tanto para denunciar a subtração de liberdades e direitos e driblar os silêncios impostos, como para experimentar e (re)inventar formas outras de re(des)dizer e re(des)fazer gêneros e sexualidades [...]” (Meyer, 2018, p. 10).

Desse modo, são colocadas algumas verdades em xeque, problematizando acerca dos padrões que excluem e marginalizam uma parcela da sociedade, seja aquela que não se encaixa nos padrões heteronormativos, entre outras questões atreladas à diversidade e que tencionam sobre “o sujeito universal, as grandes narrativas organizadoras dos saberes, sobre a constituição do campo das ciências humanas e sociais em geral e, sobretudo, questionamentos sobre a produção de saberes e poderes” (César, 2016, p. 147).

Essas relações de poder-saber estão inscritas nas divisões que foram sendo feitas em relação ao conhecimento que deveria estar na universidade e aquele que deveria ficar de fora dela. Essa divisão é construída por meio de discursos que estão diretamente relacionados a todos os tipos de preconceitos, discursos que classificam sujeitos desviantes das normas como anormais ou até como “doentes” por muito tempo.

Manter espaços como o dessa disciplina, no Ensino Superior, é importante para colocarmos esses discursos em suspensão e pensarmos como eles foram colocando os sujeitos em “caixas”, de modo a promover divisões entre grupos sociais. No entanto, cabe destacar que só isso não basta, assim também como não garante mudanças, já que a disciplina ainda é sucinta, como indicaram os/as estudantes. Devemos lembrar, portanto, que a disciplina suscita a abertura de brechas para essas temáticas no Ensino Superior, promovendo algumas pequenas rupturas, mas que esse espaço também não é garantia de mudanças.

A disciplina conforme expressaram as enunciações, movimenta os/as estudantes a pensarem em outras possibilidades para debater as temáticas gêneros, sexualidades e corpos;



mobiliza o pensamento a respeito de outras identidades, de como trabalhar e lidar com as diversidades e as diferenças. Além disso, ela permite que se reflita sobre preconceitos, acerca da construção social em torno das questões discutidas, a respeito da importância dessas questões para formação profissional de todos/as. Salientamos que os preconceitos e estereótipos de gênero e sexualidade ainda podem ser percebidos na sociedade, como também no âmbito do Ensino Superior, tendo em vista que a disciplina promove pequenas rupturas, ou seja, são fendas/brechas que possibilitam o repensar.

Assim, vai se configurando esse espaço no currículo da graduação, o qual, para além das disciplinas obrigatórias de cada curso, torna-se um lugar para se pensar questões para formação, para vida; um espaço para se aprender sobre o outro e sobre si mesmo, fazendo assim, com que as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades transversalizem os currículos dos cursos de graduação do Ensino Superior. (Chaves; Verdugo; Sosa, 2014).

Quando os/as estudantes de diferentes cursos se propõem a cursar a disciplina, eles/as se inserem, de alguma maneira, nessas problematizações e compreendem as temáticas discutidas na disciplina como parte do currículo dos seus cursos. É perceptível que esses/as estudantes reconhecem que os assuntos abordados agregam conhecimento às suas profissões.

Como apontam as análises, os/as estudantes identificam o espaço da disciplina como uma possibilidade de repensar seus entendimentos sobre as temáticas corpos, gêneros e sexualidades; um lugar que promove o reconhecimento das diferenças, auxiliando na compreensão dos preconceitos que aqueles/as que fogem as normas heteronormativas sofrem e também na construção de argumentos para levar essas discussões, para outros espaços, com propriedade e base teórica. Ademais, os/as estudantes revelaram que a disciplina é ou foi relevante para a formação profissional deles/as e que as discussões propostas nas aulas fizeram-nos (nas) compreender que as temáticas corpos, gêneros, e sexualidades estão relacionadas às suas questões pessoais, às suas vivências cotidianas e, também, com suas futuras atuações profissionais.

Também analisamos, nesse estudo, as respostas dos/as 7 estudantes que afirmaram não terem percebido mudanças de entendimentos após cursarem a disciplina. Mesmo sem essa mudança, eles/a afirmaram que houve um aprofundamento sobre as temáticas trabalhadas nas aulas. É importante observar que alguns deles/as destacaram que já possuíam conhecimento a respeito dos assuntos através de estudos ou de suas vivências pessoais.

Para finalizar, provocadas para pensarmos e considerarmos toda a construção desse estudo, encerramos esse artigo imersas nas enunciações dos/as estudantes, que nos fizeram compreender que somos sujeitos diversos e que o que nos atravessa nem sempre perpassa o outro. Logo, existem linhas de fuga e, por mais que estejamos sendo construídos/as em uma sociedade heteronormativa e que normaliza preconceitos e discriminações de gêneros e sexualidades, espaços de rupturas, como o da disciplina, são necessários a fim de que nossos entendimentos sobre as temáticas corpos, gêneros e sexualidades sejam abalados, desacomodados. É essencial que essas compreensões nos “saltem aos olhos”, ou seja, o quanto existem pessoas que sofrem com essas questões e que possamos ser mais sensíveis, não só em nossas vidas pessoais, mas em nossas profissões, visto que a sociedade precisa, dessa empatia, de afetos e de pessoas preparadas para lidar com a diferença.



Referências

- Álvarez, R. C. (2011). El diseño curricular como estrategia para la incorporación de la perspectiva de género en la educación superior Rebeca Caballero. *Revista Latinoamericana de Estudios Educativos*. XLI (3-4), 445-64. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/270/27022351003.pdf>
- Bonetti, A. de L & Silva, F. F. (2016). – Porque é preciso falar de gênero na escola, sim! – e de sexualidade, de relações étnicas e raciais. In Silva, F. F. & Bonetti, A. de L. (Orgs.). *Gênero, interseccionalidades e feminismos: desafios contemporâneos para a Educação*. (pp. 11-16). São Leopoldo, Oikos.
- Brasil. (2012). Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Brasília, DF: Ministério da Educação, 30 mai. Recuperado de: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DiretrizesNacionaisEDH.pdf>. Acessado em: 10 jul. 2020.
- Brasil. (2015). Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para formação inicial em nível superior. Brasília, DF: Ministério da Educação. Recuperado e: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res- cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso 07 abr. 2020.
- Castro, R. P. de & Reis, N. dos. (2017). Romper Binários de Gênero e Sexualidade: ensaiar uma Educação Não-binária. *Margens*, 11(17), 108-124. <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v11i17.5437>
- César, M. R. de A. (2016). Gênero, pós-estruturalismo e educação: identidades, para quê?. In Luz, N. S. da & Casagrande, L. S. (Orgs.). *Entrelaçando gênero e diversidade: múltiplos olhares*. (pp. 147-163). Curitiba, Editora UTFPR.
- Chaves, R. A. Verdugo, F. C. & Sosa, V. R. (2015). Formación en Género en la Universidad: ¿Materia de asignaturas específicas o de Educación transversal? *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*. 17(4), 35 – 54. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/869/86938947003.pdf>
- Cubero, C. B. (2003). Curriculum Universitario Género Sensitivo e Inclusivo. *Ciencias Sociales*. 4(102), 71-78. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=15310206>
- Foucault, M. (2004). *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Foucault, M. (2015). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 2. ed. São Paulo, Guerra e Paz.
- Hatje, L. F. (2018). *Trans (formar) o nome: a constituição dos sujeitos transgêneros a partir do nome*. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.
- Junqueira, R. D. (2011). Heteronormatividade e homofobia no currículo em ação. In Casagrande, L. S.; Luz, N. S. da & Carvalho, M. G. de (Orgs.). *Igualdade de gênero: enfrentando o sexismo e a homofobia*. (pp. 89-124). Curitiba, Editora UTFPR.
- Meyer, D. (2018). Currículo de gênero e sexualidade: sobre tormentas e resistências criativas em territórios disputados. In Paraíso, M. A. & Caldeira, M. C. da S. (Orgs.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. (pp. 9-13). Belo Horizonte, Mazza Edições.
- Paraíso, M. A. & Caldeira, M. C. da S. (2018). Currículos, gêneros e sexualidades para fazer a diferença. In Paraíso, M. A. & Caldeira, M. C. da S. (Orgs.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. (pp. 13-21). Belo Horizonte, Mazza Edições.
- Ribeiro, P. R. C. (2017). Identidades de gênero e sexuais na escola e formação de professores e professoras. In Vilaça, T., Rossi, C., Ribeiro, C. & Ribeiro, P. R.C. (Org.). *Investigação na Formação e Práticas Docentes*



- na Educação em Sexualidade: Contributos para a Igualdade de Género, Saúde e Sustentabilidade. (pp. 3-12). 1. ed. Braga, Universidade do Minho.
- Ribeiro, P. R. C., Rizza, J. L., & Ávila, D. A. (2014). Educação para a sexualidade Género e sexualidade no Ensino Superior: reflexões sobre a produção de possíveis heterotopias. In Magalhães, J. C. (Org.). *Educação para a sexualidade*. (pp. 129- 143). Rio Grande: Ed. da FURG.
- Rizza, J. L. (2015). *A sexualidade no cenário do ensino superior: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras*. 217 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.
- Rizza, J. L., Ribeiro, P. R. C., & Mota, M. R. A. (2018). A sexualidade nos cursos de licenciatura e a interface com políticas de formação de professores/as. *Educação e Pesquisa*, 44, e176870. Epub. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201844176870>
- Silva, T. T. da. (2013). Currículo e identidade social: Territórios contestados. In SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. (pp. 185-201). 11. ed. Petrópolis, Vozes.
- Sirvent, M. L. T., Coutiño, G. L. & Pérez, H. C. P. (2015). El enfoque de género en la Educación the gender approach in education. *Atenas*. 4(32), 49-61. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/4780/478047208004.pdf>
- Souza, M. L.; Ferrari, (2019). A. Inquietações sobre gênero e sexualidade em espaços formativos: o caso do Pibid de Ciências. *Ensino em Re-vista*. 26(1), 40-59. <https://doi.org/10.14393/ER-v26n1a2019-2>
- Varela, J. (1994). O estatuto do Saber Pedagógico. In Silva, T. T. da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultiano*. (pp. 87-96). Petrópolis, Vozes.
- Unesco. (2017). Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Seminário Educação em Sexualidade e Relações de Género na Formação Inicial Docente no Ensino Superior. *Relatório Final*. Recuperado de: <https://prceu.usp.br/wp-content/uploads/2020/10/2017-UNESCO-Seminario-Educacao-em-sexualidade-e-relacoes-de-genero.pdf>